

A religião como fonte de ética

Revisitando alguns paradigmas

*A crença calvinista
na eleição
resolue nesta vida
o problema existencial
do destino eterno
do homem
e o desafia
a se transformar
num cidadão
do reino de Deus.
Este status
de cidadania espiritual
deverá levá-lo a assumir
paulatinamente
sua condição
de cidadão do mundo
com todas
as suas implicações
e responsabilidades.*

**Márcia Mello Costa
De Liberal**

*Universidade Presbiteriana
Mackenzie,
São Paulo (Brasil)
Programa de Mestrado
em Ciências da Religião*

«Quanto mais se estudam as religiões, melhor se compreende que elas, do mesmo modo que as ferramentas e a linguagem, estão inscritas no aparelho do pensamento simbólico. Por mais diversas que elas sejam, respondem sempre a esta vocação dupla e solitária: para além das coisas, atingir um sentido que lhe dê uma plenitude das quais elas mesmas parecem privadas; e arrancar cada ser humano de seu isolamento, enraizando-o numa comunidade que o conforte e o ultrapasse.»

VERNANT

Ao iniciarmos mais um milénio, nos defrontamos com discussões em torno de temas complexos que nos levam a profundas reflexões sobre nossa vida em sociedade. Sabemos que toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. E a religião, por sua vez, ocupa um lugar destacado nesse empreendimento:

«A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projectada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo»¹.

Neste contexto, o foco deste artigo é apresentar alguns enunciados sobre a religião como fonte de ética, pois se tem observado nestes tempos atuais que o grande desafio para os cristãos reside em viver os princípios éticos nas suas relações interpessoais com Deus, consigo mesmo e com o próximo de forma objectiva.

A ética, derivada do grego «*ethos*» é teórica, e se constituiu no conjunto de princípios que traduzem a vontade

¹BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985:41.

moral de um grupo social específico. A ética pode ser definida também como o estudo crítico da moralidade. Consiste na análise sistemática da natureza moral humana, incluindo aqueles padrões que a sociedade considera certos ou errados e suas implicações para as atitudes morais do indivíduo.

Já a moral, derivado do grego «*moris*» é essencialmente prática, é a tradução ou aplicação do conjunto de valores éticos numa situação social concreta. É, em última análise, o valor regulador das relações interpessoais, que contribuem para a edificação das relações e dos contratos sociais estabelecidos entre os indivíduos, grupos ou instituições. Um código de ética, portanto, é uma explicitação dos princípios éticos de um grupo e sua aplicação prática na conduta do indivíduo no seio de uma determinada comunidade.

Então, segundo Weber², «por mais incisivas que as influências sociais possam ter sido sobre a ética religiosa num determinado caso, ela recebe sua marca principalmente das fontes religiosas e, em primeiro lugar, do conteúdo de sua anunciação e promessa». Assim, é necessário fazer, mesmo que, de uma forma injusta e incompleta, um quadro das principais abordagens do fenómeno religioso, com o objectivo de chegar ao papel da religião na sociedade pós-moderna.

Destacamos, em especial, a noção de Weber, segundo a qual a religião é um fenómeno autónomo, que até interage com o meio social – de forma activa e não passiva, como em Marx. Avançamos um pouco no conceito de Weber a partir da noção de uma «selecção natural» das ideias religiosas – conceito do filósofo pragmático William James – realizadas pelo crivo da correspondência entre as mensagens e as necessidades religiosas de uma comunidade.

Esta é uma ideia que gostaríamos de desenvolver melhor. Weber destaca a adaptação da mensagem numa doutrina dela derivada, desenvolvida pelas gerações posteriores do segmento social que adoptou aquela mensagem como sua. Mas, esta relativa plasticidade da doutrina depende de um lado, do conteúdo original da Revelação e, de outro, das camadas sociais que aderem à doutrina. Destaca-se, como exemplo deste processo, a tendência às religiões desenvolvidas no seio das camadas cívicas, burocráticas, de ter um carácter de prescrição moral, prática; enquanto as religiões cujos adeptos pertenciam às camadas intelectuais tinham um carácter místico e extático. Mas, em qualquer dos casos, há sempre uma autonomia da mensagem que é determinante, ainda que não seja determinante, sempre ou exclusivamente determinante.

No entanto, a noção de Weber que mais nos interessa aqui é a que vincula a adopção de uma determinada doutrina à uma «necessidade religiosa» que, a grosso modo, seria a necessidade de racionalização dos sentimentos de um grupo. Isto porque da doutrina religiosa emana uma ética que rege as relações sociais e pessoais em um determinado grupo e, portanto, a ética é um importante elemento legitimador destas religiões. Porém, ao contrário da perspectiva marxista, a religião não é passiva neste processo, pois, é capaz de determinar quais serão estas relações.

Não podemos deixar de mencionar, também, a definição sociológica de religião para Émile Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, que começa com uma importante descrição dos fenómenos religiosos, particularmente, em termos da dicotomia sagrado/profano, mas termina com uma definição da funcionalidade social geral da religião. Nisso, ao contrário de Weber, ele foi contra a tendência da erudição da *religionswissenschaftliche* do período, que tentava definir a religião substancialmente de uma ou outra forma. Pode-se dizer, também, em vista disso, que a abordagem durkheiminiana da religião é mais radicalmente sociológica que a de Weber, isto é, a religião é entendida como um «fato social» no preciso sentido durkheiminiano³.

²WEBER, Max. *A Psicologia Social das Religiões Mundiais*.

³BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985:146.

O porquê de algumas religiões terem se tornado mundiais, outras terem se mantido como seitas limitadas e outras terem, simplesmente, desaparecido, talvez possa ser explicado pelos conceitos da imensidão de ideias religiosas que surgem – e das consequentes éticas delas derivadas – algumas encontram indivíduos para os quais elas são úteis, portanto, verdadeiras, enquanto outras não.

O carácter intermitente, até recalcitrante, de algumas destas ideias religiosas poderia ser explicado pela existência de algumas ideias do passado, que não encontraram adeptos, mas ficaram «em estado de latência» até serem úteis. A principal base teológica do calvinismo, por exemplo, encontra-se no pensamento de Santo Agostinho, no século V.

Para a ética calvinista é postulado que Deus é soberano sobre todo o universo e toda a criação, e que o homem foi criado à sua imagem e semelhança. Imagem e semelhança entendidas aqui em sentido ético e moral. O homem reflecte em sua natureza, embora decaída, aqueles atributos de Deus ligados à ética e à moralidade como o amor, a justiça, a santidade e a autodeterminação. O homem é livre para fazer a vontade de Deus:

«A ética pressupõe liberdade e responsabilidade, estando preocupada directamente com todos os actos livres de cada indivíduo que faz parte desta instituição. A liberdade moral significa a capacidade de autodeterminação no sentido de que somos livres para escolher o bem em lugar do mal, a luz em lugar das trevas, o certo em lugar do errado, a verdade em lugar da mentira, o altruísmo em lugar do egoísmo, o amor em lugar do ódio»⁴.

O relacionamento do homem com Deus decorre do amor de Deus ao homem, através de Cristo, e do amor deste a Deus, a si mesmo e ao próximo. O amor a si mesmo deve se expressar em termos de auto-preservação e cuidados pessoais. Já o amor ao próximo deve ser manifestado por meio do trabalho em favor do bem estar da comunidade. Segundo Weber:

«A actividade social do cristão no mundo é primeiramente uma actividade in majorem gloriam Dei. Este carácter é assim partilhado pelo labor especializado em vocações, justificado em termos de “amor ao próximo”. (...) O amor ao próximo – não é em benefício da carne – é expresso, em primeiro lugar, no cumprimento das tarefas diárias dadas pela lex naturae, assumindo então um carácter peculiarmente objectivo e impessoal – aquele serviço em prol da organização racional do nosso ambiente social. Essa organização e o arranjo maravilhosamente cheio de objectivos deste cosmos, tanto segundo a Bíblia como para uma intuição natural, são evidentemente destinados por Deus para servir à utilidade da raça humana. Isto faz com que o labor a serviço desta utilidade social impessoal surja como promotor da glória de Deus e, portanto, como desejada por Ele»⁵.

Outro aspecto importante que se deve considerar sobre a ética de Calvino consiste na afirmação do cristão como eleito de Deus. A crença calvinista na eleição resolve nesta vida o problema existencial do destino eterno do homem e o desafia a se transformar num cidadão do reino de Deus. Este *status* de cidadania espiritual deverá levá-lo a assumir paulatinamente sua condição de cidadão do mundo com todas as suas implicações e responsabilidades.

E, ainda sobre os calvinistas, é muito interessante analisar o surgimento da Reforma Protestante para «testar» estas ideias – porque uma coisa é testar as teorias pelos seus resultados, outra pelos seus modelos esquemáticos. A visão clássica do assunto, que figura em muitos livros didácticos adeptos de um marxismo vulgar, simplesmente não encontra respaldo nos fatos.

⁴ CALVINO, Juan. *Institutas de la Religion Cristiana*, traduzida y publicada por Cipriano de Valera em 1597, reeditada por Luis de Usoz y Rios em 1858, nueva edicion revisada em 1967 (dos volumes), Paisajes Bajos, Fundacion Editorial Literatura Reformada, pp. 3-6, 1968.

⁵ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994, p. 75.

Dizem estes livros que o protestantismo surgiu para liberar a burguesia da proibição da usura pregada pelo catolicismo. Um fato curioso nisto é que a Contra-Reforma católica não foi uma concessão a esta modernização, mas, justamente uma retomada dos valores católicos originais. Basta examinar os fatos para ver, por exemplo, que as ideias protestantes não surgem em áreas comerciais – embora seja verdadeiro que será nas áreas comerciais que elas irão se desenvolver acima de todas as dificuldades.

A ideia central é a de que existe uma «necessidade religiosa» tanto social quanto individual, e que para atendê-la existe uma certa competição entre diversas mensagens religiosas. Mas, sobretudo, que não é esta competição que cria esta necessidade, já que uma das respostas possíveis a estas necessidades é a sua substituição por ideias não reconhecidas como religiosas – como a crescente sacralização do consumo e dos valores monetários – ou ainda, a fragmentação de um sistema religioso em religiões particulares no melhor estilo «faça você mesmo».

É notório que vivemos actualmente uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais, de escala sem precedentes em toda a história da humanidade, e a questão ética apresenta-se, como um conflito entre o que um indivíduo deve fazer e o que ele pode fazer. É porque queremos nos tornar mais humanos que buscamos construir uma sociedade possível, melhor do que a sociedade real. Por isso, a dimensão moral do homem compreende, além da esfera individual, privada, a esfera pública, a vida social, a acção do cidadão.

Pode-se concluir, então, que é somente na relação com os outros homens que os comportamentos individuais podem ser avaliados como virtuosos ou não virtuosos – como éticos e não-éticos. A prática ética deve, portanto, fazer coincidir o plano do individual e do colectivo, uma vez que, para ser virtuosa, a acção deve visar o bem comum, indo ao encontro do interesse da colectividade.

Bibliografia

- BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *A religião: o seminário de Capri*. Org. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ESTUDOS DE RELIGIÃO 18. *Por uma sociologia do protestantismo brasileiro*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo. Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião. Ano XIV, n.º 18, junho de 2000.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. *O celeste porvir*. São Paulo: IMS – Edims: 1995.
- SOUZA, Jessé de. Org. *O malandro e o protestante. A Tese Weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994.